

[SOCIEDADE][SOCIEDADE][SOCIEDADE]

Insurreição do universal

Filósofo defende combate à esterilização e estímulo à fecundidade intercultural

O diálogo entre culturas: do universal ao multiculturalismo, de François Jullien. Tradução de André Telles. Jorge Zahar Editor, 224 pgs. R\$ 32

Carolina Moulin

O livro de François Jullien, "O diálogo entre culturas: do universal ao multiculturalismo", não poderia chegar ao leitor brasileiro em momento mais apropriado. O sabor amargo deixado pelo (frágil e incipiente) acordo sobre as mudanças climáticas em Copenhague ressoa a questão central evocada pela obra: como tratar de demandas e problemas universais a partir das fissuras inerentes ao sujeito comum da modernidade, qual seja, a própria noção abstrata de uma humanidade? François Jullien, renomado filósofo francês, prolífico pensador e professor da Universidade de Paris VII, trabalha essa questão a partir de uma reflexão que é tanto filosófica quanto pessoal. O autor habitou, durante grande parte de sua carreira, esse espaço da interculturalidade que separa (e conecta) Oriente e Ocidente, sendo reconhecido como um dos principais sinólogos do pensamento contemporâneo.

Tendências universalizantes geram contradições próprias

Jullien começa indagando precisamente acerca da conexão tradicional que se estabelece entre três categorias fundamentais do pensamento moderno: o universal, o comum e o uniforme. Uma primeira leitura desses termos sugere que aquilo que é universal (e, portanto aplicável a todos a todo tempo) deriva de algo que seja comum e gera, como consequência, a produção de certa uniformidade generalizante. O exemplo recorrente desse tipo de leitura é dado justamente pelo discurso contemporâneo sobre os processos de globalização: o de que estaríamos testemunhando a emergência de uma cidadania mundial em função das crescentes e cada vez mais céleres conexões entre bens, pessoas e informações.

A ampliação dessa mobilidade decorre justamente de um processo de uniformização das expectativas sociais e individuais, processo esse que se basearia, em última instância, em um denominador comum que transforma todo desejo em sensações lí-



MANIFESTANTES em Copenhague durante a Conferência de Clima: diálogo

quidas, volúveis, temporárias, fungíveis. Em contrapartida, referidas tendências universalizantes geram suas próprias contradições, no que Jullien define como a necessária defasagem do universal: o recrudescimento da busca pela tradição, da revalorização da diferença cultural como requisito da sobrevivência social, da fragmentação na globalização.

Jullien sugere que não há nada de natural e necessário na relação direta que se estabelece rotineiramente entre as categorias do universal, do comum e do uniforme (bem como de seus contrários, o particular, o singular e o diferente). De fato, o autor parece indicar que a possibilidade de reflexão acerca de um diálogo intercultural reside justamente na necessária defasagem, no déficit, na distância que perpassa esse triângulo conceitual. Afinal, parece que essa abertura dialógica depende, prioritariamente, da busca por semelhanças (potenciais uniformidades) que

sejam, ao mesmo tempo, diferentes. Nesse contato que se abre pelo encontro entre culturas, faz-se necessário reconhecer no Outro a equidade na diferença. Reconhecer o inelutável aspecto da vida pós-moderna hodierna: de que somos fruto da experiência contingente, mas também da utopia universal emancipatória trazida, a título de exemplo (em uma temática recorrente na obra), na busca pelos direitos humanos. Mas esse universal só se sustenta, segundo o autor, pela sua negatividade, por aquilo contra o qual se volta. É na ausência que a

busca pelo universal se torna premente. De fato, não há que se falar em direitos humanos, por exemplo, quando estes se fazem valer. É justamente a falta que evoca a sua necessidade. É esse caráter insurrecional do universal, de servir como horizonte utópico, em larga medida inatingível, que justifica o porquê de não conseguirmos dele escapar, apesar das lições históricas demons-

trarem como o universal abraçou, muitas vezes com veemência, níveis de violência sem precedentes.

Nesse sentido, parece-me que a resposta evidenciada pelo autor sobre a crise no debate intercultural contemporâneo reside em uma releitura do universal — “nem síntese, nem denominador, nem fundamento” (p.156) — que evoca-o como plano a partir do qual se dá a autorreflexão do Eu. No diálogo com a diferença, mais importante do que se fazer entender para o Outro, é fazer do entendimento com o Outro um mecanismo de crítica e reformulação de nossas próprias concepções. E, nesse processo, evidencia-se uma visão da cultura como política, como espaço da negociação e do desacordo, da recusa ao consenso. Pois aí reside a única essência possível da cultura: a sua constante mutabilidade e transformação. Nesse processo dinâmico, defende Jullien, há que se combater a esterilização e estimular a fecundidade intercultural.

Livro nos convida à autorreflexão

Seguindo a lógica do autor, parece-me que a emergência de um efetivo e profícuo diálogo entre culturas foi evidenciada, para retornar ao nosso exemplo inicial, muito mais pela experiência dos movimentos sociais nas gélidas ruas de Copenhague (a despeito da soberania violenta do Estado hospedeiro) do que pelas negociações que ditaram os termos da universalidade possível sobre as políticas de combate à mudança climática no Bella Centre. E isso se dá, em parte, porque enclausurar o universal é uma tentativa de aniquilar sua própria essência, qual seja, a sua dimensão insurrecional. Longe de prover uma resposta ao problema da relação entre identidade/diferença no mundo contemporâneo, o livro de François Jullien nos convida à autorreflexão e encara, de frente e sem redundâncias, o que é hoje uma importante (e inescotável) barreira para a formação de uma ordem efetivamente cosmopolita: a vinculação entre o universal e o humano. ■

CAROLINA MOULIN é PhD em Relações Internacionais pela McMaster University (Canadá) e professora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

